

➔ Entrevista exclusiva

Pedro Abrunhosa: todas as estradas vão dar a Paris

Por **Patrick Caseiro**

Começou com “Viagens” e já vai “Longe”. Mas continua a ter sede de estrada.

Aproveite a recente vinda de Pedro Abrunhosa a Paris, para o convidar para uma entrevista informal e descontraída. Com a sua habitual generosidade e até um certo “franc-parler”, abordámos vários temas, em conversa amena: Portugal, o Porto, os portugueses, Tony Carreira, jazz, sexo, política... Um grande homem por trás de um grande artista!

LusoJornal: Pedro, fala-nos um pouco da tua relação com Paris.

Pedro Abrunhosa: Começou cedo. Fui educado com uma ama francesa, daqui de Paris. Tive muita cultura francesa inculcada. Depois passei a lidar com os clássicos franceses (Zola, Hugo, Flaubert, etc). Fiz aí uns 14 ou 15 InterRails. Saindo da Campanhã, passávamos sempre por Paris, pela Gare d’Austerlitz. Era sinónimo de libertação. E continuo a ter uma relação forte com esta cidade. Toquei muito aqui, em salas míticas como o New Morning. Ainda há dias soube que o meu nome está aí numa árvore genealógica do jazz europeu, num club parisiense.

LusoJornal: O que fazes em geral, quando cá vens?

Pedro Abrunhosa: Os monumentos, já os conheço há muitos anos. Sabes, gosto de fazer uma coisa muito simples: saio numa estação qualquer do metro e meto-me no meio das pessoas. As minhas canções resultam muito dessa mera observação do comportamento das pessoas, da realidade banal. Já levei os meus músicos a visitar as catacumbas e os esgotos de Paris. A história desta cidade interessa-me muito. Os Miseráveis, Notre Dame, O último dia de um condenado, de Victor Hugo...

LusoJornal: Editaste versões em francês de alguns temas teus. Gostaste da experiência?

Pedro Abrunhosa: Nem por isso. O resultado não foi o esperado. Era novato no mundo da indústria discográfica. Foi uma estratégia da editora, que me convenceu a fazer umas versões em francês, mas impôs demasiadas regras, até o próprio “accent”. O projeto era interessante, mas foi mal gerido. Ainda gostava de poder editar novamente em francês, mas uma coisa pensada por mim desde raiz.

LusoJornal: Fala-me do teu encontro com o Tony Carreira.

Pedro Abrunhosa: É um amigo. Já o conheço há muito, antes dos Idolos. Aquilo é genuíno, faz mais sentido que cantar em inglês. Por vezes há uma soberberia dos intelectuais, de ter a mania de que existe uma música superior e uma inferior. O Tony cumpre uma necessidade de mercado. Há dias estava eu em Nova Iorque e enviei-lhe uma mensagem para o felicitar pela 5ª platina. Goste-se ou não do que ele faz, há que respeitar esse feito, pelos tempos que corre.



Pedro Abrunhosa em entrevista ao LusoJornal
David Rito

LusoJornal: Sentes-te um artista “engagé”?

Pedro Abrunhosa: Bem, como muita boa gente, pago os meus impostos, as portagens, o imposto automóvel, IRS, IVA sobre tudo e mais alguma coisa, etc. Posso quando me apetece mandar f**** os gajos que roubam os meus impostos, para viverem faustosamente e fazerem obras que derrapam. Não sou “engagé”, mas considero-me um cidadão atento. E a democracia depende de nós, cidadãos, não se esgota na Assembleia da República.

LusoJornal: Dado o teu registo vocal, sentes-te mais cantor, discurso, ou outra coisa?

Pedro Abrunhosa: Sabes, eu sou um escritor de canções. O que é que era o Ferré? O Gainsbourg?... Cantor é o Aznavour. Eu não sou cantor, nem quero ser. Cantores há muitos, por exemplo está ali um no bar. Eu sou músico. Nós, os barítonos, temos uma tessitura muito limitada. Quando esforçamos para cima, sai um registo médio, que é onde canta 99% da população. É por isso que nós somos únicos aqui em baixo. Cohen, Lou Reed, Nick Cave... tudo gente que se está a marimbar para a técnica. O Idolos, onde eu fui júri, tinha muitos cantores. Não serve para nada! Cantar daquela maneira é como um escritor ter uma caligrafia bonitinha. O que toca as pessoas, não é saber se o artista canta muito afinadinho, mas é a alma! A profundidade, o conteúdo, o contexto, etc. Por isso, cantor “jamais!” (dito em bom francês).

LusoJornal: O silêncio parece ser importante para ti...

Pedro Abrunhosa: Sim, preciso dele para trabalhar. É fundamental para criar, e o Porto permite-me isso. As pessoas andam com ipods atrás delas para todo o lado, encham-se de sons.

Chegam ao ginásio com música, entram no táxi com música, entram no avião, têm música... Gosto de chegar ao meu quarto e apagar tudo. A dada altura já não suporto música (sobre tudo a minha). Até Beethoven me parece ruído!

LusoJornal: Tens uma ligação estreita com o Brasil. O que achas do Acordo Ortográfico?

Pedro Abrunhosa: Isso é um desacordo, uma cedência de Portugal, completamente vergonhosa. Há coisas que não fazem sentido. Na Primeira República fazia mais sentido. O caso do “ph” passar a se escrever “f”, por exemplo. Mas isto agora é outra coisa. Dá sobretudo jeito às editoras brasileiras. O Eça de Queirós pode passar a vir do Brasil. Eu não faço o acordo. Não me venham cá impôr essa maneira de escrever!

LusoJornal: Já tens um vasto leque de colaborações. Com quem gostavas de vir a trabalhar?

Pedro Abrunhosa: Por exemplo Tom Waits, mas o homem anda demasiado ocupado a ver cornucópias no piano dele.

LusoJornal: Em jeito de “tags”, diz-me o que te inspira isto: O jazz?

Pedro Abrunhosa: É onde tudo começa. O músico de jazz faz quase tudo, mas tem de ter abertura! Há muitos músicos que fecham a moleirinha. Mas a nova geração já percebeu que tem de recorrer a outras coisas, eletrónica, rock, etc.

LusoJornal: O Porto?

Pedro Abrunhosa: Bem, é uma cidade mágica, com o Douro património mundial, a Foz, as pontes, um destino turístico interessantíssimo. Para viver está um pouco complicada, e mal gerida. Mas é um verdadeiro conto de fadas.

LusoJornal: Pedro Passos Coelho?

Pedro Abrunhosa: Falta-lhe estrada, falta-lhe mundo. Acho que a Troika não deveria ter entrado em Portugal. Podia-se discutir e repensar o problema lá dentro. Este homem anda num certo seguidismo, vem duma juventude partidária que faz a escola em gabinetes e de repente é Primeiro Ministro. Com este Governo e com a Troika é impossível discutir.

LusoJornal: Gainsbourg?

Pedro Abrunhosa: A parte iconoclasta, o lado sexy, todo ele é fenomenal, mesmo na sua loucura. E que embaixador da cultura francesa!

LusoJornal: Sérgio Godinho?

Pedro Abrunhosa: Um dos maiores cantautores, com uma voz inconfundível. Já tentei cantar uma canção dele, mas ao fim de 10 minutos desisti. Só ele sabe cantar daquela maneira.

LusoJornal: Sexo?

Pedro Abrunhosa: Oh pá, para além de fazer canções, é o que mais aprecio. Canções, com roupa vestida. Sexo, sem (risos).

LusoJornal: Jorge de Sena?

Pedro Abrunhosa: Adoro! Acho que o maior romance português é o Sinais de Fogo. Um livro absolutamente inacreditável, a anunciar a literatura do século XXI.

LusoJornal: Pegando no teu refrão “Vamos fazer o que ainda não foi feito”, o que te falta ainda fazer?

Pedro Abrunhosa: Sinceramente, sinto que não fiz nada. Tenho novo disco a sair. E já ando a pensar no próximo. No fundo, é isso mesmo, queria começar tudo do zero outra vez.

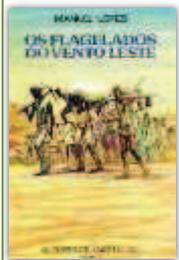
Em nome do LusoJornal, um eterno obrigado, Pedro. E até um destes palcos da vida.

Dominique Stoenesco



Um livro por semana
Un livre par semaine

“Os Flagelados do Vento Leste” de Manuel Lopes



Uma recente viagem a Cabo Verde, e principalmente à ilha de Santo Antão, cenário do romance

“Os Flagelados do Vento Leste” de Manuel Lopes (1907-2005), deu-me vontade de ler novamente este magnífico romance que em parte retoma alguns temas nordestinos do autor brasileiro Graciliano Ramos: a seca, a fome, a miséria social.

A primeira edição deste romance foi publicada em 1960, pelas Edições 70, e tornou-se logo um best-seller nas principais livrarias portuguesas e brasileiras, o livro tendo sido também traduzido em várias línguas. Facto que levou o autor a afirmar, na nota introdutória à segunda edição, de 1985, o seguinte: “Não surtido ao arrasto de qualquer corrente literária em voga, estes ‘Flagelados’ não parecemos correr o risco de serem arrumados, tão precocemente, na prateleira das velharias”.

Manuel Lopes nasceu na ilha de São Vicente. Fez os estudos liceais em Coimbra. Em 1936 fundou com Baltasar Lopes e Jorge Barbosa a revista “Claridade” que esteve na origem do movimento de emancipação cultural, social e política da sociedade cabo-verdeana. Em 1944, por razões profissionais, foi para os Açores. Aí viveu até se fixar em Lisboa, em 1955, onde passou a residir até à sua morte. Além de “Os Flagelados do Vento Leste”, as suas obras mais conhecidas são “Chuva Braba” (romance, 1956) e “Galo Cantou na Baía” (contos, 1959).

Em “Os Flagelados do Vento Leste”, José da Cruz, lavrador, e um dos seus filhos, Leandro, pastor transformado em salteador, são os protagonistas de duas narrativas que se entrecruzam, traduzindo a impotência dos habitantes da ilha de Santo Antão perante a seca, uma das perigosas catástrofes que fustigam o Arquipélago. No entanto, em “Os Flagelados do Vento Leste”, o autor não se limita a uma simples descrição dos efeitos das estiagens. Além de os personagens terem um profundo carácter psicológico, verificamos neste romance uma denúncia das desigualdades sociais e dos desmandos das elites.

lusojournal.com